

**The World We Want: a caixa-preta da sustentabilidade na esfera pública
conectada e suas controvérsias a partir das multi-interações**

*The World We Want: the black box of sustainability in the public sphere connected
and its controversies from the multi-interactions*

Mayara Karla Dantas da SILVA¹
Cláudio Cardoso de PAIVA²

Resumo

A rede digital é uma estrutura singular sociotécnica e infocomunicacional de fluxo aberto e descentralizado, baseada em multi-interações, que criou a esfera pública conectada. Uma esfera que tem favorecido novas formas de engajamento e mobilização, como ilustra a elaboração da primeira agenda global de desenvolvimento com a contribuição da sociedade civil, a partir da plataforma *The World We Want*. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é propor uma reflexão sobre tal iniciativa, desenvolvida pela ONU, com base na Cartografia de Controvérsias (VENTURINE, 2010). Buscaremos mostrar, a partir dos rastros das associações, como a ONU abriu a caixa-preta da sustentabilidade, cartografou as controvérsias relativas ao tema, por meio das multi-interações, e fechou a caixa-preta novamente, ao publicar a Agenda Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Palavras-Chave: The World We Want. Esfera Pública Conectada. Multi-interações. Cartografia de Controvérsias.

Abstract

The digital network is a unique socio-technical and infocomunicational structure of open and decentralized flow based on multi-interactions, which created the public sphere connected. A sphere that has favored new forms of engagement and mobilization, as illustrated by the establishment of the first global agenda of development with the contribution of civil society, from The World We Want platform.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia – PPGEM/UFRN.
E-mail: mayarakarladas@gmail.com

² Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB).
E-mail: claudiopaiva@yahoo.com.br

In this sense, the objective of this work is the reflection on this initiative, developed by the UN, based on Cartography of Controversies (VENTURINE, 2010). We seek to show, from the traces of associations, such as the UN opened the black box of sustainability, charted the controversies that the subject entails through multi-interactions and closed the black box again to publish the Objectives of Sustainable Development Agenda.

Keywords: The World We Want. Public Sphere Connected. Multi-interactions. Cartography of Controversies.

Introdução

Foi na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio+20, ocorrida no Rio de Janeiro, em 2012, que a ONU anunciou uma iniciativa inédita. Pela primeira vez na história, a Organização das Nações Unidas propôs elaborar a nova agenda global de desenvolvimento a partir da contribuição da sociedade civil, ouvindo-a. Algo inviável no contexto da sociedade do século XX, mas, possível na conjuntura atual graças a uma estrutura sociotécnica e interacional própria do nosso tempo: a rede digital.

Para tanto, a Organização construiu uma plataforma, a *The World We Want*³, que serviu de espaço público para que a “caixa-preta” (LATOURE, 2001; 2012) da sustentabilidade fosse aberta e que as controvérsias em torno do tema fossem problematizadas. Uma experiência difícil devido à quantidade de dados que o processo comunicacional agregou e à dificuldade em converter os diálogos produzidos num consenso, mas observável em virtude dos rastros das associações deixados na rede digital.

A rede digital é um dos inúmeros “sistemas complexos” (MORIN, 2003) que compõem a “teia da vida” (CAPRA, 1997). Contudo, algumas singularidades fazem desta rede nova um sistema diferente dos demais. Constituída por “actantes” (LATOURE, 2001) humanos e não-humanos⁴ conectados, a rede digital representa “uma das redes mais extensas já construídas pelo homem” (BARABÁSI, 2009, p.28). Tais actantes, a partir das associações realizadas e dos fluxos de informação, conseguem desenvolver processos dinâmicos distintos que tornam a rede um sistema

³ Disponível em: <https://www.worldwewant2030.org/>. Acesso em: 07/07/2016.

⁴ Computadores, *smartphones*, plataformas, servidores, roteadores, empresas, etc.

infocomunicacional único de fluxo aberto, baseado na “liberação do polo da emissão, conexão mundial, distribuição livre e produção de conteúdo sem ter que pedir concessão ao Estado” (LEMOS, 2009, p.12).

As dinâmicas das redes complexas são os movimentos, as mudanças que as redes sofrem no decorrer do tempo, em função das conexões que os actantes realizam, a partir das interações, transformando constantemente sua estrutura. Nas redes digitais, estes movimentos são baseados nos processos de cooperação, competição e conflito; de resiliência, robustez e vulnerabilidade; de agregação e ruptura; e de adaptação, auto-organização e emergência. Logo, o elemento essencial das dinâmicas são as interações.

Segundo Starobinski (2002), a palavra de origem inglesa *interaction* foi identificada, inicialmente, no século XIX, como a ação de agir reciprocamente, tornando os estudos interacionais mais próximos da técnica que move a comunicação, do que do processo como um todo. Contudo, a partir dos meios de comunicação essa reciprocidade foi sendo moldada no decorrer da história e a noção de interação foi tomando novos contornos. Hoje, já se sabe que o “inter” das interações diz mais a respeito delas, do que a “ação” em si e que há, pelo menos, três modos diferentes de interagir e de influenciar os processos dinâmicos.

Isto é, diante do estágio atual de desenvolvimento tecnológico, a interação pode ser mútua, reativa ou multi. A interação mútua é formada “por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção invertida e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente” (PRIMO 2007, p.57). A interação reativa está “limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta” (PRIMO 2007, p.57). E as multi-interações são a união das interações mútuas e reativas, “no sentido de que várias podem ser as interações simultâneas” (PRIMO, 2007, p.229).

Deste modo, as multi-interações representam um dos principais fenômenos que tornou a Web uma rede de fluxo comunicativo aberto e descentralizado, embora não igualitária em decorrência da presença de *hubs* (BARABÁSI, 2009) – os nós mais densamente conectados de uma rede que limitam a visibilidade das informações, por uma grande quantidade de actantes, a 20% –, permitindo a entrada de qualquer usuário com acesso a ela para produzir, converter, traduzir, manipular, recuperar, emitir e compartilhar conteúdos e opiniões. Tal rede e suas ações reconfiguraram a “esfera

pública clássica” (HABERMANS,1984) e criaram a “esfera pública conectada” (BENKLER, 2006).

Ora, se a esfera pública clássica do século XVIII representa a esfera que incorporou espaços públicos concretos, como praças e cafés, onde a sociedade burguesa se reunia para emitir sua opinião, a esfera pública conectada do século XXI retrata uma esfera mais densa e abrangente. Uma esfera em que os ambientes do mundo “analógico” migram para ambiência do mundo “digital”, espaços públicos onde qualquer membro da sociedade, e não apenas uma pequena parte favorecida, pode se manifestar.

Portanto, o objetivo deste trabalho é avaliar a iniciativa da ONU, com base na Cartografia de Controvérsias (LATOURE, 1994; VENTURINE, 2010; LEMOS, 2013). Buscaremos mostrar por meio de tal aporte teórico-metodológico como a ONU abriu a caixa-preta da sustentabilidade na esfera pública conectada, cartografou as controvérsias que o tema acarreta, a partir das multi-interações, e fechou a caixa-preta novamente, por meio de uma plataforma digital, a *The World We Want*. Um processo comunicacional complexo, mas que seu êxito permitiu a ONU atingir o seu principal objetivo: construir a Agenda ODS com a participação da sociedade civil e publicá-la.

Abrindo a caixa-preta da sustentabilidade

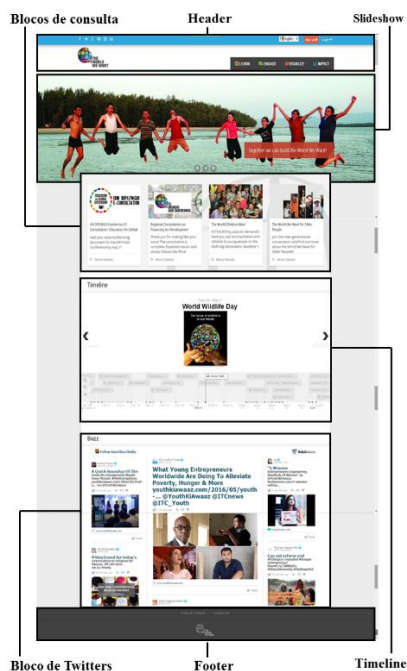
De acordo com a Cartografia de Controvérsias, abrir a caixa-preta significa levantar questões até então obscurecidas pela penumbra das visões limitadas para visualizar as controvérsias inerentes ao tema. Deste modo, a ONU abriu a caixa-preta da sustentabilidade em 2012, próximo ao fim da validade da Agenda Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), tendo em vista o anúncio da elaboração de um novo protocolo mundial, a Agenda Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A caixa-preta da sustentabilidade nos parece permanentemente semiaberta, pois, há sempre algum debate vigente sobre o tema. Controverso por si só, o assunto gera disputas de diversas ordens, para além do dualismo, e a ONU, nas últimas quatro décadas, tem sido um dos principais actantes a torná-las expostas, por meio de documentos globais.

Tais documentos sempre foram elaborados pela cúpula da ONU. Mas, ao se deparar com milhares de discursos espalhados na Web, a Organização percebeu a

crecente necessidade de incluir a opinião popular na construção da Agenda ODS. Algo inviável na esfera pública clássica, mas possível na esfera pública conectada. Para tanto, ela precisava de um espaço público para agregar os actantes e ouvir as opiniões. Surge, então, a plataforma *The World We Want* (Figura 1).

Figura 1 – Plataforma *The World We Want*



Fonte: <https://www.worldwewant2030.org/>. Acesso em: 11/07/2016.

Ao observarmos a estrutura da plataforma *The World We Want*, buscamos identificar, a princípio, se ela possibilitaria a ONU atingir seu objetivo. Para tanto, passamos a analisar como as informações estão arquitetadas na plataforma, a partir dos quatro Sistemas da Arquitetura de Informação – organização (estrutura e esquema), navegação, rotulagem e busca – assim como, sua usabilidade, por meio dos princípios da Avaliação Heurística de Nielsen, que tem como objetivo identificar as falhas do sistema.

A análise estrutural da disposição das informações na *The World We Want* nos mostrou que o conteúdo da plataforma está arquitetado numa interface principal, dividida em seis módulos: *header* (cabeçalho), *slideshow*, blocos de consultas, *timeline*, bloco de *tweets* e *footer* (rodapé), como ilustra a Figura 1. E que a estrutura do *site* é robusta e multifacetada. Robusta pois se apropria de quase todos os modos que os

quatro Sistemas da Arquitetura da Informação oferecem. É multifacetada pois se desdobra em muitas páginas, tornando sua arquitetura grandiosa, duas características que influenciam diretamente o segundo ponto da análise: a usabilidade.

Do ponto de vista da experiência de uso realizada pelos actantes humanos com a plataforma, podemos afirmar que a *The World We Want* violou apenas um princípio das dez Heurísticas de Nielsen⁵, a heurística “prevenção de erros”. Contudo, embora ela respeite os nove princípios restantes, ao possuir amplitude e profundidade altas, seu uso se torna confuso, o que não quer dizer difícil, considerando o número de páginas que o usuário pode abrir para achar a informação desejada e a quantidade de conteúdo inserida.

Portanto, a análise da estrutura da plataforma *The World We Want* nos leva a duas constatações. A primeira é que, se o processo comunicacional envolvendo as multi-interações é complexo por si só, o *site* desenvolvido pela ONU não poderia ser diferente. Afinal, um é reflexo do outro. A segunda é que, se a proposta da *The World We Want* é servir de espaço público conectado para que a sociedade civil expresse sua opinião sobre a nova agenda global, a partir das multi-interações, o sistema atende este fim.

Logo, após identificar como a ONU abriu a caixa-preta da sustentabilidade, buscamos entender como a Organização mapeou as controvérsias que o tema acarreta, a partir das multi-interações. Uma tarefa difícil, pois, toda controvérsia traz consigo um conjunto de problemáticas que pode levar o embate por diversos caminhos.

Cartografando as controvérsias da sustentabilidade

De acordo com o roteiro proposto por Venturine (2010), cartografar as controvérsias significa, principalmente, observá-las e descrevê-las. Deste modo, buscaremos, neste momento, mostrar as estratégias utilizadas pela ONU para observar e descrever as controvérsias da sustentabilidade, a partir dos rastros das associações dos actantes, diante da complexidade que permeia todo o processo comunicacional envolvido.

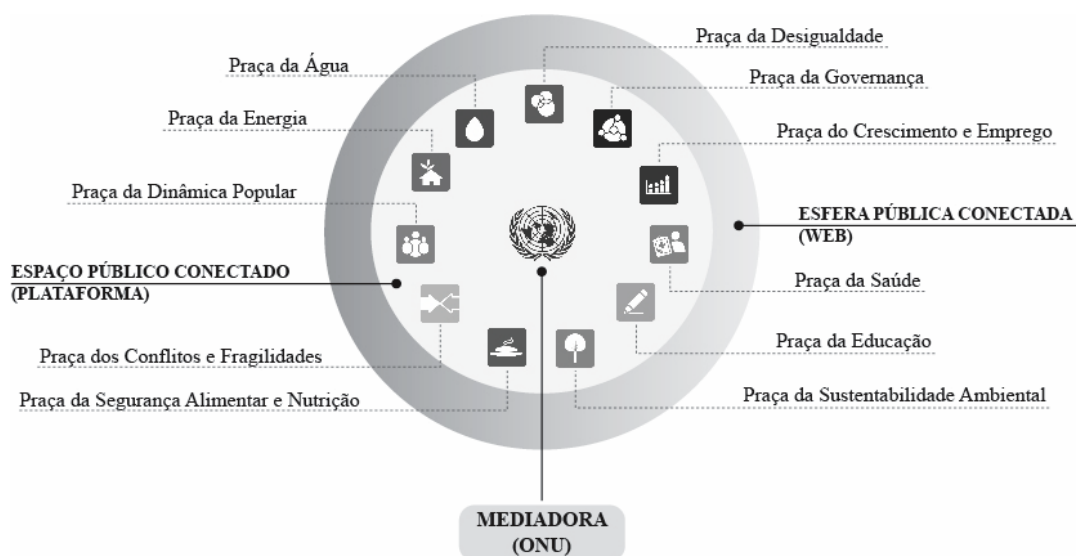
⁵ 1) Visibilidade do status do sistema; 2) Relacionamento entre o sistema e o mundo real; 3) Liberdade e controle do usuário; 4) Consistência e padrões; 5) Prevenção de erros; 6) Reconhecimento ao invés de lembranças; 7) Flexibilidade e eficiência de uso; 8) Estética e design minimalista; 9) Ajuda aos usuários a reconhecer, diagnosticar e sanar erros; 10) Ajuda e documentação.

Isto é, sabemos que antes da Web, das TIC's e da cibercultura era praticamente impossível pensar em reunir milhares de pessoas, de quase 200 países, em um mesmo espaço público, para discutir sobre um tema, ajudar a construir a nova agenda global, em tempo hábil, e chegar a um acordo. Portanto, neste tópico, pretendemos avaliar como a ONU se utilizou da Web para contornar esse desafio.

Venturine (2010) sugere que o cartógrafo use a esfera pública conectada (a Web) para mapear as controvérsias sobre o tema em questão. Nesta esfera, qualquer plataforma onde a controvérsia pode ser encontrada, observada e descrita é válida.

Contudo, diante de um tema genérico como é o da sustentabilidade, que acarreta várias problemáticas, seria muito difícil para a ONU observá-las e descrevê-las a partir dessa esfera colossal. A solução da Organização foi seguir na contramão da Cartografia. Ou seja, a ONU não cartografou as controvérsias da sustentabilidade na Esfera Pública Conectada. Ela usou esta esfera (a Web) para criar seu próprio espaço público (a plataforma) e instituir onze praças públicas temáticas (as subplataformas) (Figura 2).

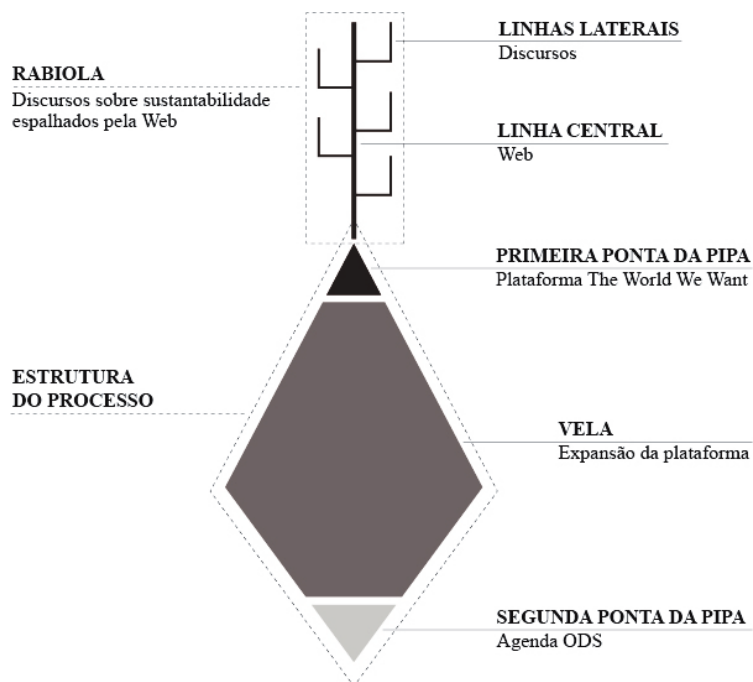
Figura 2 – Diagrama Espaço Público da ONU



Fonte: Criado pelos autores.

Buscando visualizar a estrutura desse processo, tendo em vista que a estrutura permite visualizar o todo, percebemos que o processo desenvolvido pela ONU assume um formato de losango. Um tipo de pipa invertida. Uma figura que tem uma cauda e uma ponta estreita, que se alarga e é afunilada novamente, como demonstra a Figura 3.

Figura 3 – Diagrama Pipa Invertida – representação da estrutura do processo realizado pela ONU



Fonte: Criado pelos autores.

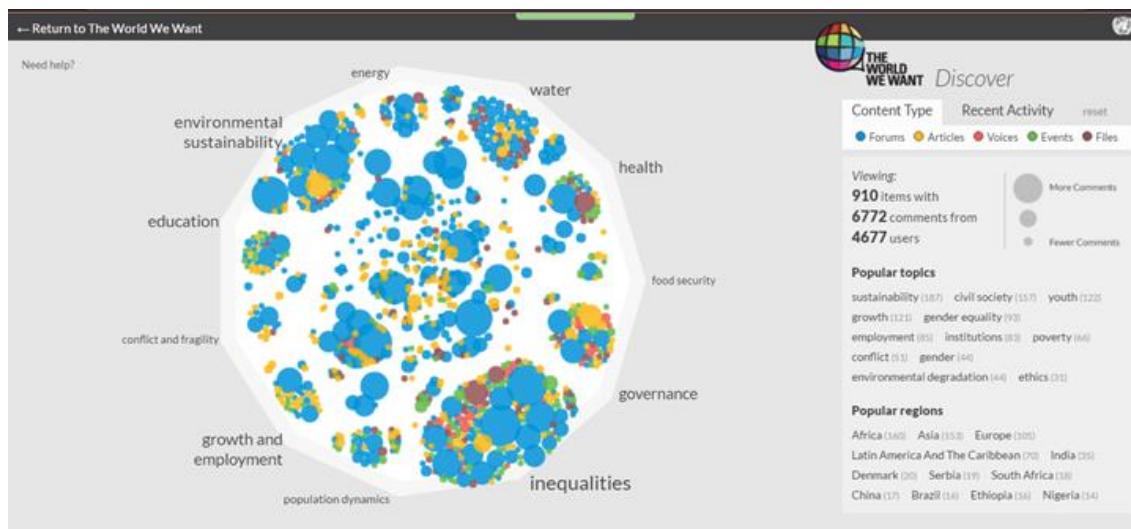
Usando a analogia da pipa (Figura 3), a rabiola, formada por uma linha central que representa a Web (a esfera pública conectada) e por linhas laterais que ilustram as multi-interações (as opiniões públicas), reproduz os discursos sobre sustentabilidade espalhados por toda a rede digital e que a ONU descartou em sua cartografia.

A primeira ponta da pipa ilustra a plataforma da ONU, o espaço público conectado que ela criou, agregando os novos debates sobre o tema em um só lugar. A vela significa a expansão do *site* a partir do aumento da quantidade de multi-interações e do seu desdobramento em onze subplataformas. Por fim, a última ponta da pipa representa a Agenda ODS, apontada como o consenso dos conflitos em um único documento.

Portanto, por meio dos diagramas Espaço Público da ONU e Pipa Invertida podemos perceber que, após criar seu próprio espaço público conectado, a ONU entendeu que este deveria ser multifacetado em outros espaços menores, as sublataformas. Logo, são nas onze sublataformas que as multi-interações podem ser identificadas.

3.977 usuários) e a categoria Vozes pela menor (37 itens, 146 comentários e 92 usuários).

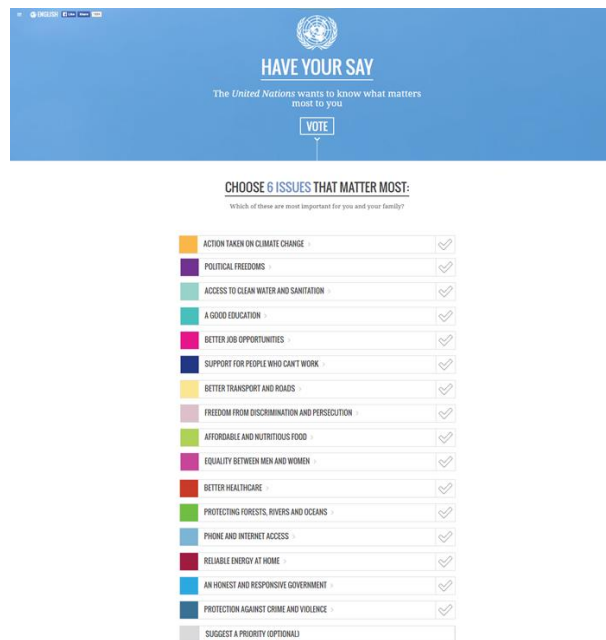
Figura 5 – Bolhas dos Fóruns, Artigos, Vozes, Eventos e Arquivos da plataforma



Fonte: <http://trends.worldwewant2015.org/discover/#mode=type>. Acesso em: 09/07/16.

As ferramentas *Dataset*, *Heat-map* e *Free text analysis* mostram que, para ouvir a sociedade civil, a ONU também se utilizou da interação reativa. Isto é, as três ferramentas fazem referência à pesquisa *My World*. Uma enquete que a ONU inseriu na plataforma *The World We Want* para perguntar aos usuários quais as suas prioridades para um mundo melhor. Para respondê-la, estes deveriam assinalar seis, entre 16 prioridades sugeridas ou marcar cinco e indicar uma prioridade diferente das mencionadas (Figura 6).

Figura 6 – Quadro da pesquisa My World



Issue	Selected
ACTION TAKEN ON CLIMATE CHANGE	<input checked="" type="checkbox"/>
POLITICAL FREEDOMS	<input checked="" type="checkbox"/>
ACCESS TO CLEAN WATER AND SANITATION	<input checked="" type="checkbox"/>
A GOOD EDUCATION	<input checked="" type="checkbox"/>
BETTER JOB OPPORTUNITIES	<input checked="" type="checkbox"/>
SUPPORT FOR PEOPLE WHO CAN'T WORK	<input checked="" type="checkbox"/>
BETTER TRANSPORT AND ROADS	<input checked="" type="checkbox"/>
FREEDOM FROM DISCRIMINATION AND PERSECUTION	<input checked="" type="checkbox"/>
AFFORDABLE AND NUTRITIOUS FOOD	<input checked="" type="checkbox"/>
EQUALITY BETWEEN MEN AND WOMEN	<input checked="" type="checkbox"/>
BETTER HEALTHCARE	<input checked="" type="checkbox"/>
PROTECTING FORESTS, RIVERS AND OCEANS	<input checked="" type="checkbox"/>
PHONE AND INTERNET ACCESS	<input checked="" type="checkbox"/>
RELIABLE ENERGY AT HOME	<input checked="" type="checkbox"/>
AN HONEST AND RESPONSIVE GOVERNMENT	<input checked="" type="checkbox"/>
PROTECTION AGAINST CRIME AND VIOLENCE	<input checked="" type="checkbox"/>
SUGGEST A PRIORITY (OPTIONAL)	<input type="checkbox"/>

Fonte: <http://vote.myworld2015.org/>. Acesso em 10/07/2016.

A ferramenta *Dataset* mostra que a ONU usou três instrumentos para realizar a pesquisa *My World*: *website*, cédulas e SMS, e que a cédula foi o meio mais usado. Segundo a ONU, os usuários que votaram mediante cédulas e SMS vivem em países com IDH baixo. Já os que votam pelo *website* residem em países com IDH muito alto. Estes rastros são importantes, pois, explicam a quantidade de cédulas usadas na pesquisa e comprovam a desigualdade de acesso à tecnologia entre os 193 países membros da ONU.

A ferramenta *Heat-map*, por sua vez, não funciona. Ao clicar no *link* de acesso, uma mensagem de erro aparece, revelando a heurística “prevenção de erros”, citada anteriormente. E a quinta ferramenta, *Free text analysis*, traz apenas outros dados complementares referentes à consulta *My World*.

Por sua vez, as ferramentas *Post-2015 social media conversation* e *How the world tweets: climate change* mostram que a ONU também se utilizou do Twitter para cartografar as controvérsias da sustentabilidade. *Post-2015 social media conversation* apresenta um infográfico interativo, a partir de um globo terrestre que gira e mostra os 20 países que mais interagiram no Twitter sobre a construção da Agenda ODS, assim

como, aponta as *trends* (tendências) – os assuntos mais comentados na plataforma – baseadas nos 16 tópicos da pesquisa *My World* (Figura 7), de agosto de 2012 a julho de 2015.

Figura 7 – Ferramenta Post-2015 Social Media Conversation e sua relação com o Twitter



Fonte: <http://post2015.unglobalpulse.net/#>. Acesso em: 14/05/16.

A ferramenta *How the world tweets: climate change*, por sua vez, catalogou interações no Twitter baseadas em questões climáticas. A ferramenta usa palavras-chave como energia, florestas, oceanos e economia, em inglês, espanhol e francês, para identificar e ouvir milhões de *tweets* de todo o mundo, como ilustra a Figura 8.

Figura 8 – Mapa How the world tweets: climate change

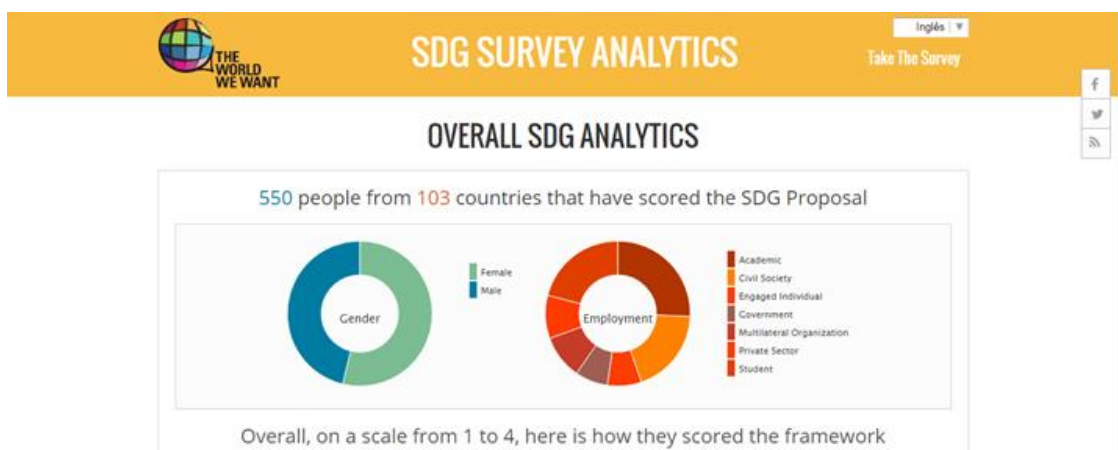


Fonte: <http://unglobalpulse.net/climate/>. Acesso em: 14/05/16.

A penúltima ferramenta, *Reports*, leva o usuário à interface da plataforma e mostra os principais relatórios e documentos produzidos a partir das multi-interações ocorridas na *The World We Want*, das interações reativas geradas por meio da pesquisa *My World*, e das multi-interações e interações reativas frutos do Twitter.

Por fim, a ferramenta *SDG Scorecard* mostra um indicador para descobrir o que as pessoas acharam dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (Figura 9). Tal ferramenta deveria indicar, numa escala de 1 a 4, o índice para a iniciativa geral, a ambição da proposta, a ação desenvolvida na plataforma e a prestação de contas. Mas, ao visitarmos a ferramenta em diferentes momentos e percebemos que o número de pessoas que responderam à enquete não passa de 550, concluímos que ela está com defeito.

Figura 9 – Ferramenta SDG Scorecard



Fonte: http://dataforall.org/survey/undp_sdg_scorecard/dashboard. Acesso em: 10/07/16.

Fechando a caixa-preta da sustentabilidade

Após cartografar as controvérsias da sustentabilidade, restava à ONU estabilizar a caixa-preta e fechá-la novamente. E a Agenda ODS representa este processo, tendo em vista que estabilizar e fechar a caixa-preta significa parar as controvérsias, mesmo que temporariamente, e chegar a um consenso, efeitos que a ODS provocou ao ser publicada. Logo, a Agenda ODS (Figura 10) é um documento, composto por 49 páginas, 17 objetivos e 169 metas que devem ser alcançados pelos 193 países membros da ONU em 15 anos.

Figura 10 – Agenda Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)



Fonte: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 11/07/2016.

Resumida a determinações, reconhecimentos e reafirmações, a Agenda ODS reflete um novo agendamento com velhas ideias, sem demonstrar avanços no seu conteúdo. Pois, se compararmos as agendas globais (Agenda 21, ODM e ODS) encontraremos os mesmos objetivos baseados num mundo perfeito, livre da fome e da injustiça, entre outras utopias, se pensadas em escala universal e igualitária, nos três registros. Porém, as implicações comunicativas na sua construção inédita são inegáveis.

Portanto, a nova agenda global não representa a resolução das controvérsias levantadas durante três anos. Essa nunca foi a intenção da ONU ao assumir o papel de cartógrafo. Mas, ela configura o alcance de um objetivo maior, pois, se até então era impossível fazer política global inclusiva, a ONU mostrou que agora isso é realizável.

Logo, ao fechar a caixa-preta da sustentabilidade a ONU conseguiu silenciar, provisoriamente, as multi-interações sobre o tema na *The World We Want*. Contudo, ela jamais conseguirá deter o fluxo de informações na plataforma maior, a rede digital, esta rede auto-organizada, que rege tantas outras redes. Nela, as controvérsias persegirão, deixando seus rastros e criando novas cartografias, prontas para serem desenhadas.

Considerações finais

Ao anunciar a construção da nova agenda global Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com a participação inédita da sociedade civil, a partir da plataforma digital *The World We Want*, a ONU nos deu a oportunidade de acompanhar as multi-interações em curso, do início até o desfecho de sua experiência. Nosso objetivo era

compreender, a partir da Cartografia de Controvérsias, como a ONU abriria a caixa-preta da sustentabilidade, cartografaria as controvérsias que o tema acarreta, a partir das multi-interações, e fecharia a caixa-preta, enfrentando a complexidade permeada nesse processo comunicacional e compactando todos os conflitos gerados num único documento.

Deste modo, constatamos que a abertura da caixa-preta da sustentabilidade pela ONU aconteceu desde o momento em que ela propôs elaborar a nova agenda global de desenvolvimento, em 2012, durante a Conferência das Nações Unidas, a Rio+20.

Percebemos também que, para cartografar as controvérsias que o tema acarreta, a ONU descartou as controvérsias já existentes na esfera pública conectada (a Web), e utilizou tal esfera para criar seu próprio espaço público (a plataforma *The World We Want*) e onze praças temáticas (as subplataformas), ambiências que agregaram Fóruns, Artigos, Vozes, Eventos e Arquivos para estimular e reunir novas multi-interações.

Detectamos, ainda, que além da plataforma *The World We Want* e das multi-interações, a ONU desenvolveu a pesquisa *My World* para reunir interações reativas e fez uso de uma das maiores plataformas de rede social no mundo, o Twitter, com o objetivo de agregar mais interações. Como resultado, de 2012 a 2015, a ONU conseguiu ouvir, quase 7.000 multi-interações e mediar o diálogo entre mais de 4.500 usuários, levantar mais de dez bilhões de interações reativas e mais de 350 milhões de *tweets*.

Por fim, percebemos que para fechar a caixa-preta da sustentabilidade a ONU publicou a Agenda ODS. Uma diretriz, composta por 17 objetivos e 169 metas que devem ser atingidas até 2030, pelos 193 países membros da ONU e que representa o consenso da avalanche de interações baseadas num diálogo global sobre temas que geraram conflitos de várias ordens, entre actantes de lugares, culturas e necessidades diferentes.

Logo, a partir dos rastros e dos mapas das associações que a plataforma *The World We Want* deixou, concluímos que para enfrentar a complexidade das multi-interações, a ONU se apropriou da própria complexidade. Isto é, acreditamos que a complexidade foi, ao mesmo tempo, problema e solução para a ONU. Problema, pois, para dar conta de tal complexidade, a Organização precisou articular a gigantesca rede de redes que as multi-interações abrange. Solução, porque, se o processo não fosse

complexo, se a rede digital não envolvesse o que envolve, a experiência continuaria sendo impossível de realizar.

Concluimos também que, a partir da *The World We Want*, a ONU conseguiu construir um *hub* dos discursos da sustentabilidade, pois, se antes muitos dos debates da plataforma eram invisíveis por estarem espalhados pela Web, ao agregá-los num só lugar, a ONU, que por si só é um *hub*, se apropriou de tal condição e os tornou aparentes.

Por outro lado, concluimos ainda que embora a *The World We Want* seja apontada pela ONU como um instrumento de democracia, acreditamos que a plataforma, por ora, não atingiu tal estágio. Reconhecemos que ela promove o discurso democrático, mas, ao mesmo tempo, acreditamos que para que haja democracia plena, ouvir a sociedade civil não é suficiente, é necessário que as pessoas também participem das decisões junto à cúpula da ONU. E o documento ODS não retrata esta realidade.

Portanto, embora saibamos que os conflitos gerados na plataforma continuam abertos, e que, em alguns casos nunca serão resolvidos, que a Agenda ODS não representa um avanço em questão de conteúdo e que ela não reflete a complexidade do processo de sua construção, a iniciativa da ONU é notável. Ela aponta rastros e mapas de associações das mudanças em voga e futuras, seja na forma de elaborar agendas e fazer política global ou de fomentar a inteligência coletiva e os processos colaborativos em rede.

Referências

BARABÁSI, Albert-László. **Linked**: A nova ciência dos networks. Como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. São Paulo: Leopardo Editora, 2009.

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks**: how social production transforms. New Haven: Yale University Press, 2006.

CAPRA; Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede: Do conhecimento à política. *In*: CASTELLS, Manuel (Org.); CARDOSO, Gustavo (Org.). **Sociedade em Rede**: Do conhecimento à ação política. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

DI FELICE, Massimo. A vida em Rede. *In*: LEMOS, Ronaldo; DI FELICE, Massimo. **A vida em rede**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.

DI FELICE, Massimo; TORRES, Julliana Cutolo; YANAZE, Leandro Key Higuchi. **Redes digitais e sustentabilidade**: As interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

_____. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: Ed ufba, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**. Teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. Nova esfera conversacional. *In*: MARQUES, Angela. et al. **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009. p. 9-30.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

STAROBINSKI, Jean. **Ação e reação**: Vida e aventura de um casal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VENTURINI, Tommaso. **Diving in magma**: How to explore controversies with actor-network theory. Public Understanding of Science, 2010.